

*A Campanha da Fraternidade Ecumênica (CFE), de 2016, é a quarta edição do que pode ser considerado o maior projeto ecumênico e evangelizador da América Latina. Com o tema “Casa comum, nossa responsabilidade” e o lema “Quero ver o direito brotar como fonte e correr a justiça qual riacho que não seca” (Am 5,24), esta campanha trata da questão ecológica, que expõe a grande crise espiritual e ética da humanidade atual, a qual, por sua vez, transborda e se explicita como crise política e econômica. Nesta campanha, contudo, a crise ecológica é tratada a partir da deficiência de nosso saneamento básico.*

*Fiel a seu compromisso pastoral de oferecer subsídios aos agentes de pastoral – presbíteros e diáconos, pessoas consagradas, catequistas, ministros e lideranças leigas – de nossas dioceses, paróquias e comunidades, fiel também à tradição de examinar, no último número de cada ano, o tema da Campanha da Fraternidade do ano seguinte, a revista Encontros Teológicos oferece a seus leitores diversos artigos, com reflexões teológicas, bíblicas e pastorais e ponderações políticas e econômicas, sobre o tema em pauta, que provoca a fé e a espiritualidade e o engajamento crítico dos cristãos de nosso tempo.*

*Dois artigos, de caráter mais informativo e contextual, abrem nossa revista. Um, que trata especificamente da CFE, sua história, seu tema, lema e objetivos; outro, que faz um apanhado de todas as CFs que trataram da questão ecológica. Em seguida, alguns artigos discutem a realidade do saneamento básico em nosso país e, sobretudo, em nosso Estado catarinense (ver). Vêm, depois, artigos de cunho mais filosófico, bíblico e teológico (julgar) e pastoral (agir). Por fim, julgamos interessante registrar três discursos proferidos em sessões solenes de nossa instituição e, ainda, algumas resenhas, bem como as crônicas de nossas atividades dos últimos meses.*

*Abrimos este número com o artigo de Elias Wolff, especialista em ecumenismo. Em Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016: compromisso das igrejas pela vida no planeta, depois de fazer um retrospecto das Campanhas da Fraternidade Ecumênicas realizadas até o momento,*



*o autor salienta sua importância para a caminhada ecumênica e evangelizadora no Brasil e apresenta as motivações de uma Campanha da Fraternidade Ecumênica: a compreensão de que no centro da vivência ecumênica está a luta pela justiça e o apelo a todas as pessoas religiosas para contribuírem para a promoção do diálogo, da justiça, da paz e cuidado com a criação. Depois de relacionar a CFE 2016 com projetos globais de proteção do planeta – a Misereor, o Conselho Mundial de Igrejas e a encíclica Laudato Si do papa Francisco –, o autor apresenta dados alarmantes da carência de saneamento básico em nosso país, questão mais específica trabalhada por essa CFE. Por fim, trata das propostas de enfrentamento do problema com os objetivos da CFE, sugestões práticas de ação e de mudança de mentalidade, tendo como base a fé cristã em Deus Criador.*

*Em seguida, Domingos Volney Nandi, doutor em comunicação, no artigo Os temas ecológicos nas Campanhas da Fraternidade, faz memória dos nove temas ecológicos abordados pelas Campanhas da Fraternidade, recordando, de cada uma, o objetivo, o contexto e algumas consequências. Revela, sobretudo, o protagonismo da Igreja ao agendar, insistir e persistir num tema tão relevante.*

*Trazemos alguns dados, certamente não exaustivos, da realidade ecológica, sobretudo na questão do saneamento básico, no país e no Estado de Santa Catarina (ver). Iniciamos com o breve, mas esclarecedor e provocante texto de Pedro de Lucena, dirigente da CASAN: Saneamento básico em Santa Catarina. Nele o autor apresenta a realidade da deficiência do saneamento básico no Brasil e em Santa Catarina, mostrando suas causas e consequências. Baseado em dados históricos, legais e estatísticos, o autor relata os avanços alcançados pela CASAN e propõe que a superação dessa deficiência só será possível quando se removerem as concepções mercadológicas da linha de ação e se começar a pensar e agir em favor das pessoas.*

*Com o artigo Panorama dos resíduos sólidos na AMUREL: Desafios e perspectivas, os autores Diogo Ferreira Alves e Maria Teresinha Rosenes Marcon partem do apelo feito pelo papa Francisco na Laudato Si para levantar desafios que envolvem as questões ambientais, entre as quais destacam pontos relativos aos resíduos sólidos. Apresentam a realidade dos municípios da região de Laguna, SC, situando-a no contexto brasileiro e catarinense. Mostram que a questão dos resíduos*



*sólidos está presente na realidade brasileira, como um dos componentes do saneamento básico, cujos indicadores estão a requerer uma gestão e gerenciamento eficiente, eficaz e que garanta a efetividade das ações. Lembrem que, após vinte e um anos de discussões, foi aprovada em 2010 a política nacional de resíduos sólidos (Lei n.12.305), que destaca a importância do planejamento das ações, a inclusão social dos catadores e catadoras, a educação ambiental como base para a conscientização e mudança de comportamento, a responsabilidade compartilhada entre poder público, setor privado e sociedade civil, bem como a sustentabilidade econômico-financeira. Por fim, traçam alguns indicadores da situação nacional, da região sul, de Santa Catarina e da região de Laguna (cujos municípios pertencem à Associação dos Municípios da AMUREL), destacando seus desafios e perspectivas, para que se possa melhor compreender a nossa realidade e, a partir daí, tomar consciência de que é preciso mudar nossos hábitos e nossas atitudes acerca dos resíduos que geramos, para que possamos cuidar melhor de nossa casa comum.*

*A engenheira sanitária e ambiental Marília Campos Moser, em seu artigo Saneamento para a vida, responde aos apelos da encíclica Laudato Si e da CFE partilhando informações úteis que possam subsidiar as reflexões teológicas e pastorais sobre o tema da ecologia. Apresenta um breve panorama das ações governamentais empreendidas nos últimos anos e que refletiram diretamente na promoção do saneamento no Brasil, além de fornecer dados relacionados à temática no âmbito regional e local (Santa Catarina e Florianópolis, respectivamente). Aponta problemas decorrentes do ainda insuficiente sistema implantado, com consequências para a população e para o ambiente como um todo. Espera despertar a consciência dos mais diversos agentes de transformação, contribuindo para o fortalecimento do compromisso cristão com as necessidades básicas de todos os seres que habitam e formam nossa casa comum.*

*Monique Pitsica, autora da obra “Energias Renováveis. O papel da IRENA”, sintetiza seu livro no artigo Aspectos destacados da criação da Agência Internacional de Energia Renovável – IRENA. Depois de apresentar dados históricos da origem e evolução deste organismo voltado para a defesa da utilização das energias renováveis, a autora considera as competências e estrutura desse organismo, que visa transformar-se em dinamizador das mudanças de atitudes e comportamentos em matéria do consumo de energia, através da promoção do*



*uso alargado e sustentado das energias renováveis, em escala global. O objetivo primordial da IRENA é acelerar o processo de transição entre os combustíveis fósseis e as novas formas de energias limpas, ajudando governos a traçarem novas políticas e legislações e realizando consultorias e acompanhamento de empreendimentos, prestando aconselhamento normativo e ajudando na transferência de tecnologias.*

*Quatro artigos, de feição filosófica, bíblica e teológica, analisam essa realidade à luz da razão e da fé (julgar). João Eduardo Lamim, bacharel em Filosofia, orientado pelo filósofo Marcio Bartel, desenvolve interessante dissertação sobre a problemática ecológica em diversos autores, sobretudo em L. Boff. Em Existir na casa comum, denuncia que as atitudes humanas acabaram por formar uma realidade distorcida e construída sob falsos valores éticos, presentes na contemporaneidade. Revela que o maior expoente de tal crise é o antropocentrismo, refletido na exploração irresponsável da Terra e nas relações éticas e humanas esfaceladas. Sugere que o ser humano tem um intransferível papel diante desta realidade que ele mesmo construiu: pelo amor sustentável à vida e suas manifestações é convocado a reconstruir as relações humanas com a Terra baseadas na reverência, respeito e, sobretudo, cuidado com a criação.*

*O manifesto ecológico de Oseias (Os 4,1-3), de autoria do biblista Ney Brasil Pereira, inicia perguntando-se se não seria anacrônico, sendo a ecologia um tema relativamente recente, identificar tal “manifesto” em oráculo de um profeta do século VIII AC. O autor pensa que não é anacrônico, e procura prová-lo em três momentos: 1) mostra qual o contexto de Oseias, do seu livro, e do “manifesto”; 2) examina, frase por frase, quase palavra por palavra, também na língua original, o breve texto do “manifesto”: Os 4,1-3; 3) mostra que a “solidariedade entre o ser humano e a criação” aparece em diversos outros textos do Antigo e do Novo Testamento. Na conclusão, o autor faz ver que a questão ecológica, questão evidentemente científica e política, não deixa de ser também uma questão ética e teológica.*

*O biblista Renuis Porath, com seu artigo Do endeusamento da natureza à dignidade da criação, propõe uma leitura bíblica em tempos de crise ecológica. E começa com a afirmação de que o próprio Deus se queixa da sua criação. Ao reconhecer que a expressão de “dominar a terra” (Gn 1,28) tem alguma parte de responsabilidade nessa crise, se pergunta onde e quando se instalou a perversão na leitura da realidade à*



luz do testemunho bíblico. Analisa, então, a passagem do endeusamento da natureza para o esvaziamento do seu divino poder. Nesse sentido, examina alguns testemunhos da religião canaanita, assim como os lemos nos textos de Ugarit. Ele recorda também a passagem do culto a Baal para o reconhecimento de YHWH como o verdadeiro Deus, Deus também da natureza. Finalmente, o autor se volta para os textos bíblicos, começando com os salmos de lamentação, como o Sl 74, no qual o salmista alude aos mitos canaanitas, exaltando o poder maior de YHWH. E relembra que ele criou a Terra “não para ser um caos, mas para ser habitada por seus filhos”. Não por todos, porém, porque só “os mansos possuirão a terra” (Mt 5,4).

Após essa análise bíblica, trazemos a investigação teológica do bacharel em Teologia, Marcelo Martendal. Orientado por mim, em seu artigo A teologia diante da crise ecológica, examina a crítica comum que se faz ao cristianismo de ser o principal responsável pela crise ecológica por ensinar a dominar a terra. Desenvolve sinteticamente a teologia bíblica da criação, sobretudo no livro do Gênesis, e sugere contribuições da teologia para a superação da crise.

Com timbre mais pastoral, já apontando para o agir, o bacharel em Filosofia e mestrando em Ciências da Religião, André Luís da Rosa, também orientado por mim, escreve o artigo Ecumenismo e ecologia: por uma família comum cuidando da casa comum, no qual estabelece relação entre ecumenismo e ecologia. Considera que o primeiro busca a unidade da família comum, e a segunda, o cuidado da casa comum. Sugere que, no contexto do pluralismo religioso e cultural hodierno, é necessário pensar uma missiologia ecumênica, destacando a missão ecológica da Igreja como campo para o agir cristão comum. Inspirado em L. Boff, fundamenta a visão ecológica cristã na doutrina trinitária, cristológica e pneumática da fé cristã.

Também em ótica pastoral, Ademir Rubini, bolsista da CAPES, escreve O lugar do pobre no cuidado da casa comum. Denuncia que o atual modelo de desenvolvimento dos países se constitui numa ameaça à vida do nosso planeta. Sugere que, desafiados pela CFE e pela encíclica Laudato Si e iluminados pela profecia de Amós, o profeta da justiça, sejamos capazes de defender a vida de todas as criaturas, sobretudo, das mais vulneráveis. O cuidado com o meio ambiente requer, simultaneamente, o cuidado dos seres humanos, principalmente, os pobres.



*Que esses artigos despertem em nossos leitores e leitoras ótimas e iluminadoras inspirações para sua reflexão e ação nesse campo, o da ecologia, tão desafiador à nossa fé cristã. Que o cuidado de nossa casa comum torne-se um traço marcante da vida de fé das pessoas e comunidades que todo domingo professam no Credo: “Creio em Deus Pai, criador de todas as coisas”.*

Vitor Galdino Feller  
Diretor de *Encontros Teológicos*